

A INTERDISCURSIVIDADE NO REGISTRO DA HISTÓRIA SOBRE O TRABALHO EM TEXTOS DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS¹

Eliana Vasconcelos da Silva Esrael²

RESUMO: O objetivo central deste estudo é mostrar como o registro da história se materializa no texto de pré-universitários por meio da relação entre discursos sobre o tema trabalho, a partir de reflexões baseadas nos estudos Bakhtinianos e nos postulados da Análise do Discurso de linha francesa. A análise do material, redações do exame vestibular da FUVEST/2006, é de cunho qualitativo e tem um olhar especial para os desdobramentos discursivos das representações sociais do trabalho presentes nos textos dos vestibulandos. Os resultados apontam para uma construção interdiscursiva do registro da história, comprovando relações dialógicas entre o modo de escrever do vestibulando e seu modo de interpretar fatos históricos relacionados ao trabalho.

Palavras-chave: interdiscursividade; escrita da história; trabalho; redação de vestibular.

ABSTRACT: The main objective of this study is to show how the registry of history is materialized in the text of pre-college students through the relationship between discourses on the subject of work from reflections based on Bakhtinian studies and postulates of Analysis of French Discourse. The material analysis, essays the college entrance examination of FUVEST / 2006 is qualitative nature and has a special look at the discursive unfolding of social representations of work present in the texts of these students. The results point to a interdiscursive construction of the registry of history, proving dialogical relations between the way of writing the pre-college students and their way of interpreting historical facts related to work.

Keywords: interdiscursivity; writing of history; work; college entrance essay.

Os estudos sobre redação de vestibular, no Brasil, são volumosos e não param de crescer a cada dia, especialmente depois de o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) ter se tornado principal instrumento de avaliação nos exames de acesso às Universidades públicas do país. Intencionando fugir dos paradigmas tradicionais de tratamento dado à redação de vestibular que orientam suas atenções, na maioria das vezes, aos aspectos da superfície textual, investigo aspectos enunciativos e discursivos peculiares a ela, principalmente aqueles relacionados ao interdiscurso.

Restringir-me aos aspectos superficiais do texto seria desconsiderar a redação de vestibular um gênero discursivo, que envolve uma prática social maior, inserida em um contexto sócio-histórico, cujas *condições de produções* determinam a sua composição, tema e estilo, segundo o que propõe os postulados bakhtinianos sobre os gêneros discursivos (BAKHTIN, 2011). Pretendo, assim, contribuir para que um novo olhar se estabeleça sobre a escrita desse gênero, considerando que, por meio dele, seus escreventes possam assumir pontos de vistas e marcar-se como sujeito da/na história.

Trato a redação de vestibular como gênero discursivo em seus aspectos enunciativos e discursivos e trago para a discussão, o conceito de interdiscursividade, para problematizá-lo na

¹ Este trabalho é uma ampliação de parte dos resultados da pesquisa de doutoramento defendida em janeiro de 2012, com o título: A construção do ponto de vista dominante na escrita de pré-universitários. Agradeço ao convênio CAPES/CAFECUB 510/05 pelo estágio de doutorado sanduíche, que muito contribuiu para a realização da pesquisa.

² Prof^{fa}. Dr^a. DLCV-UFPB, maxiel@uol.com.br.

análise desse gênero, tomando como *corpus* os textos produzidos por vestibulando da Fundação Universitária para o Vestibular (FUVEST)³ durante o exame de redação do ano 2006⁴, cujo tema oferecido aos estudantes era *trabalho*. Esse tema é abordado na proposta de redação sob diferentes perspectivas, que são delineadas tanto em cada um dos três textos que compõem a coletânea como também no enunciado da instrução da proposta.

A princípio, o tema *trabalho* é muito amplo; entretanto, as condições de produção do gênero redação de vestibular, direcionam o escrevente para um modo específico de enunciar sobre o tema oferecido pela proposta de redação, que caracteriza de maneira singular a constituição desse gênero. Nas leituras iniciais do *corpus*, identifiquei um modo específico de relacionar fatos históricos sobre o trabalho, marcados no texto por meio de uma relação temporal ligada a eles. Interessou-me, assim, investigar os diferentes modos de enunciar o tema trabalho, levando-se em consideração fatos históricos a ele relacionados. Pretendo, então, responder como essa relação se materializa no texto, tendo como hipótese principal de que esses fatos são descritos a partir de discursos sobre o trabalho, relacionados à experiência do escrevente sobre esse tema e o modo como suas representações sobre o trabalho são inscritas em seu texto.

REDAÇÃO DE VESTIBULAR EM SEUS ASPECTOS ENUNCIATIVOS E DISCURSIVOS

Posicionar a *redação de vestibular* na dimensão enunciativo-discursiva significa considerá-la portadora de enunciadores distintos, de posições enunciativas derivadas de lugares sociais, bem como portadora de diferentes discursos num contexto histórico determinado. A perspectiva enunciativa traz para a discussão elementos da enunciação de tal modo que possa alçar-se aos desdobramentos discursivos nela presentes. Estes envolvem a ocupação de posições por parte do escrevente, ao assumir determinados discursos.

Os enunciadores são vozes representadas no enunciado e é o locutor o responsável por organizar essas vozes (DUCROT, 1987). Para Ducrot (op. cit., p. 182), Locutor é aquele que se responsabiliza pelo dizer: “alguém a quem se deve imputar a responsabilidade deste enunciado”. Esse locutor assume, em seu enunciado, posições enunciativas que se desdobram em movimentos discursivos. A polifonia linguística, em que o autor distingue enunciado de enunciação, isto é, o dito e o dizer, remete à discussão das funções enunciativas e discursivas marcadas no enunciado. Trata-se, nesse sentido, de olhar não para o que o locutor diz, mas para o modo como ele diz o que diz. Trata-se de observar sua percepção sobre determinado objeto e como isso é registrado no enunciado.

A redação de vestibular circula em uma esfera restrita e está inserida num contexto avaliativo, parte do processo escolar. Como prática avaliativa, ela carrega em si crenças, valores sociais e culturais do grupo ao qual pertence seu escrevente. Pensá-la como prática discursiva pressupõe estudar as particularidades de seus diálogos com diferentes enunciadores, bem como com outros discursos, numa relação de interdiscursividade, em consonância com a

³ Órgão responsável pelo exame de acesso à Universidade de São Paulo – USP.

⁴ Disponível no site da FUVEST: <<http://www.fuvest.br/vest2006/provas/2fase/por/por06.stm>> último acesso em fevereiro 2007.

heterogeneidade que a constitui. No espaço desses diálogos, manifesta-se a multiplicidade de vozes que encenam diferentes discursos que o escrevente assume como seus. Em outras palavras, o discurso é o lugar da manifestação de posicionamentos do escrevente que enuncia a partir de lugares discursivos. Esses lugares são passíveis de observações de elementos concernentes ao escrevente, bem como da permeabilidade dos discursos e saberes que os contornam. A permeabilidade desses discursos está inscrita nos enunciados das redações de diferentes maneiras, algumas mostradas e marcadas, outras mostradas e não-marcadas (AUTHIER-REVUZ, 1990), e aponta para diferentes registros da história, segundo os posicionamentos do escrevente, em réplica aos já-ditos. Eles vão se caracterizando a partir da reconstrução de fatos que marcaram a história, mas de um modo particular: a partir do modo como o escrevente enxerga esses fatos e como os relacionam ao tema abordado na redação.

A análise dos enunciados das redações torna-se mais instigante, na medida em que ela toma como ponto de partida a definição de gênero proposta por Bakhtin (2011), ou seja, analisar o gênero *redação de vestibular* no que se refere ao seu conteúdo temático, sua estrutura composicional e estilo. A enunciação é determinante do discurso e, por isso, esses elementos não podem ser constituídos rigidamente, de forma fixa, mas condicionados por ela. O que permite retomar a constituição do gênero no que se refere aos aspectos de suas regularidades. A estrutura composicional pode, do ponto de vista discursivo, ser resultado (1) das representações que o escrevente tem da escrita e do gênero e, (2) de suas práticas letradas, atualizadas no acontecimento discursivo. Na concepção bakhtiniana de gênero, a estrutura composicional reflete a situação de enunciação, daí ser o gênero *relativamente estável*. É estável no reconhecimento, caso contrário, segundo Bakhtin (2011), teria de ser criado a cada nova comunicação. E sua estabilidade é, no entanto, relativa porque está ligada à singularidade do escrevente e da própria situação de enunciação em que o escrevente se apresenta e se constrói na relação com o outro. Assim, não se pode dizer que há uma estrutura fixa, congelada, mas que ela é reconhecida no seio do próprio gênero, em função das práticas letradas e das representações do escrevente, atualizadas no acontecimento discursivo. Estão em jogo, assim, não só o conhecimento linguístico, enciclopédico e genérico do escrevente, mas o modo como se podem materializar linguisticamente esses conhecimentos na situação de enunciação do exame de redação.

O discurso, segundo Maingueneau (2008, p.15), é “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”. Essas regularidades dão as condições de “enunciabilidade” do discurso, que deve ser pensado como prática discursiva e, por isso, se encontra inscrito numa “rede institucional” (MAINGUENEAU, op. cit., p. 22-3). A *redação de vestibular* está tomada pela carga institucional na qual está circunscrita, isto é, uma avaliação, o exame vestibular. Se a enunciação determina o que dizer e o como dizer, essa carga institucional está marcada nos enunciados das redações. E se está marcada, é porque o escrevente responde às coerções da enunciação no processo interacional. O gênero discursivo é, assim, determinado historicamente pela enunciação e condicionado por ela em sua estrutura, o enunciado. É nesse ambiente que o linguístico e o social se articulam, evidenciando os aspectos enunciativos e discursivos presentes no gênero analisado.

De posse dessas considerações, busco saber como o escrevente constrói seu discurso sobre *o trabalho* a partir do diálogo estabelecido com outros discursos e como a história (do trabalho) é registrada pelo escrevente, a partir dessa interdiscursividade.

A ESCRITA NAS RELAÇÕES ENTRE DISCURSO E HISTÓRIA

A escrita de um gênero é um fenômeno social e como tal, deve-se “prestar atenção em algumas de suas características: o espaço de posições, o processo histórico de sua ocupação, os valores em jogo, as trajetórias das carreiras dos agentes e o *habitus* assumido pelo engajamento no campo” (HANKS, 2008, p. 45, grifo do autor). Essas características, numa situação de enunciação avaliativa, refletem no modo como o escrevente enuncia, isto é, no modo como ele se engaja, para ser responsivo ao que é solicitado na proposta de redação. Esses modos de enunciar relacionam-se com o papel assumido pelo escrevente diante da situação de enunciação. O discurso é constituído nessa circunstância, isto é, no momento em que o escrevente se põe diante da história, uma vez que deve ocupar um lugar social para enunciar. Os discursos são enunciados a partir de um lugar social ocupado e construído pelo escrevente e em função das coerções que ele sofre em uma situação avaliativa.

A partir dessa perspectiva, concebo a escrita tendo como parâmetro o letramento enquanto registro da história do escrevente (ESVAEL, 2012). Conceber a escrita desse modo é também não perder de vista a dinâmica da prática social e discursiva da produção de um gênero discursivo e de modo tão singular como é o caso da redação de vestibular. Vale salientar que esse registro é marcado no enunciado como uma retomada dos já-ditos, possibilitando certo tom – carregado de valores – ao que é dito, resultando em efeitos polifônicos de sentidos.

O escrevente funda-se no interdiscurso, condicionado por sua *memória discursiva*, compreendida como o re-dito, como já-enunciado, atualizado no momento do acontecimento discursivo. Segundo Pêcheux (1999, p. 53), “haverá sempre um jogo de força na memória, sob o choque do acontecimento”. Assim, memória é concebida aqui como em Pêcheux (op. cit. p. 50), “não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas [...]”. Os já-ditos, fincados na memória discursiva do escrevente, ressurgem no dito construído no tempo da enunciação, em que os letramentos vivenciados por ele são expostos em seu enunciado e determinados pela enunciação.

Considero, assim, que há letramentos experienciados pelo escrevente e norteados pelo viés da situação de enunciação no sentido de tomar determinados saberes e não outros, para carregar seus enunciados de certos efeitos tanto no que diz quanto no modo como se diz, principalmente em relação a seu outro, seu interlocutor. Ao trazer para o enunciado os já-ditos, o escrevente traz igualmente representações redimensionadas a partir de suas lembranças, de sua memória discursiva. É nos modos de dizer, nos discursos trazidos dessa lembrança, fundada a partir de seus letramentos vividos e concebidos, que o gênero vai se compondo em sua singularidade e relativa estabilidade. Creio que é nesse espaço de interlocução – em que o gênero se concretiza – que o registro da história se materializa, isto é, no espaço em que o histórico e o linguístico se encontram.

O letramento é resultado tanto das diferentes experiências do escrevente em relação à escrita como dos seus modos de leitura. Neste caso, sua fonte mais imediata de leitura – os fragmentos da coletânea oferecida ao vestibulando para produzir o seu texto – o conduz mais diretamente, mas o escrevente não se restringe apenas a ela. Pelo contrário, parte dela para tomar outras fontes, na tentativa de atender ao solicitado no exame. Os diferentes modos como intertextualiza esses fragmentos e, a partir deles, outros enunciados, revelam um sujeito trabalhando a linguagem, agindo e fazendo-se ator por meio dela, estruturando os gêneros do discurso e, ao mesmo tempo, sendo coagido por eles. É nesse sentido que o gênero é concebido como prática discursiva, no exercício memorialista de seus letramentos, ou seja, na retomada dos já-ditos, que são atualizados, condicionados e determinados pela enunciação.

Entra também, nesse jogo, o saber sobre o gênero, que é construído em suas regularidades e reconstruído em suas singularidades. O gênero redação de vestibular torna-se, assim, bastante peculiar no sentido de que sua composição é bastante singular e, ao mesmo tempo, bastante regulada socialmente. Singular porque o sujeito que escreve tem seu modo de ler e interpretar os enunciados da coletânea, como também seu modo de escrever a redação, baseado em suas representações e em seus letramentos. O gênero é constituído em função desse sujeito-leitor-escriptor, com suas características próprias, com sua história e valores representados. São esses aspectos que compõem a historicidade do gênero e da constituição da escrita como prática social. É nesse sentido que concebo a escrita: como processo, como resultado das ações do sujeito na história, das ações história no sujeito e do sujeito em sua escrita.

A elaboração da redação de vestibular é parte do processo de letramento e reflete as práticas sociais de seus escritores, os vestibulandos. Nessas práticas estão inclusas não só as de leitura e de escrita, mas aquelas vinculadas às práticas da oralidade, principalmente, aquelas que acontecem no espaço escolar, por exemplo, a aula expositiva. A redação de vestibular enquanto prática social exige considerar, em sua análise, diferentes letramentos: o escolar, uma vez que ela é uma prática letrada, socialmente situada em condições específicas de letramento: trata-se de uma avaliação proposta por uma instituição de ensino; e aqueles letramentos não restritos à escola, ligados ao contexto sociocultural e histórico do escrevente, isto é, os letramentos da esfera familiar, do trabalho, religiosa, etc. As atividades dessas esferas são parte do letramento do escrevente e estão, de alguma forma, representadas em sua escrita.

A linguagem, nesse caminho, não é vista como fruto de um sistema estável que resulta da dicotomia língua/fala ou da análise apoiada apenas em fatos individuais e estruturais, que consideram o sentido pronto no texto, excluindo a relação do sujeito com a linguagem e com o seu *outro*, afastada das coerções sociais. Há que se considerar, assim, que o sujeito está imerso na atividade social em que a língua se estabelece em seu uso concreto, sob determinadas *condições de produção* (PÊCHEUX, 1990a). Pode-se dizer, assim que não há apenas um sujeito enunciando, mas sujeitos e discursos interagindo:

A estrutura da relação de produção linguística depende da relação de força simbólica entre os dois locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade [...] a língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder (BOURDIEU, 1983, p. 160-1).

Por meio da relação ação/interação/poder, podem-se provocar mudanças na sociedade, mudanças de posicionamentos, de comportamentos. O trabalho com a linguagem é, pois, também um agir no mundo. Ao realizar seu trabalho com a linguagem, o escrevente apropria-se de valores sociais, que ficam marcados em seu enunciado de diferentes maneiras. A escrita é, por isso, vista como processo e não como produto; ela é registro do processo interativo. O escrevente, diante desse quadro, se constitui discursivamente, isto é, no espaço discursivo entre o interior da língua e o seu exterior, o social e o histórico. É desse lugar que ele trabalha com a linguagem e interage com diferentes discursos. A partir dessa interação, pode-se dizer que os discursos caracterizam-se pelo princípio dialógico da linguagem (BAKHTIN, 1986) e, nesse sentido, eles são duplamente dialógicos porque acontecem no espaço do *um* e no espaço do *outro/Outro*⁵.

Para Brandão (1997, p. 71), é a heterogeneidade que liga de maneira constitutiva o Mesmo do discurso com o seu Outro ou, em outras palavras, é a que permite a inscrição no discurso daquilo que se costuma chamar seu “exterior”. Essa característica do discurso é pertinente para a análise das redações, uma vez que os enunciados nelas registrados são sempre respostas a outros enunciados, a outros discursos. No que se refere à redação de vestibular, são respostas aos textos da coletânea fornecida na prova de redação e, também, a outros enunciados, outros discursos mobilizados pelo escrevente a partir da leitura da coletânea. Essa exterioridade que constitui o discurso o torna complexo, na medida em que se deve analisá-lo considerando sua historicidade. Os sentidos de um discurso são construídos nessa historicidade e, a partir dela, ele se materializa, marcando as *formações discursivas* das quais o escrevente enuncia. Formação discursiva entendida não como um espaço fechado, apenas determinando “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1997, p. 160) e controlando o sentido desse dizer, mas como um espaço aberto em que circulam outras formações discursivas, um espaço sem fronteiras, sujeito à dispersão.

A formação discursiva está aberta para a circulação de discursos e, por isso, ela é “efeito da interdiscursividade” e se apresenta “como um domínio aberto e inconsciente e não como um domínio estável” (BRANDÃO, 1997, p. 74). O sujeito enuncia em relação a outros discursos e assume posições em relação a outras posições; posições que são histórica e socialmente constituídas, por isso, o sujeito enuncia a partir de lugares sociais, confluindo língua, sujeito e história. Há, nesse sentido, uma busca pela heterogeneidade enunciativa que Pêcheux (1990b, p. 316) tratou por “formas linguístico discursivas do *discurso-outro*”, isto é, “o discurso do outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro”. É nesse sentido que as posições assumidas pelo escrevente são também determinadas pelas condições de produção do discurso concebidas, neste trabalho, não apenas como a situação imediata de enunciação, mas incluindo também os elementos que ligam a história e a língua, isto é, as representações do escrevente (PÊCHEUX, 1990a, p. 171). Em outras palavras, são “o contexto sócio-histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente” (op. cit, 1997, p. 89).

⁵ Utilizo a distinção feita por Authier-Revuz (1990) entre outro (com minúsculas) e Outro (com maiúscula). Assim, *Outro* refere-se ao inconsciente da teoria lacaniana, à ideologia, enquanto o *outro* corresponde a outros discursos, ao interlocutor.

Conceber o gênero como prática discursiva exige tratar do dialogismo que lhe é inerente. O diálogo proporcionado pela interação, conforme dito anteriormente, é visto de forma ampla, ou seja, não só entre seus interlocutores imediatos, escrevente e leitor, mas também entre os discursos que circulam no “espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (MAINGUENEAU, 2008, p. 20), esse espaço de trocas é chamado por Maingueneau de *interdiscurso*, noção importante para o percurso analítico. Trata-se, grosso modo, da relação entre discursos. O autor afirma que o *primado do interdiscurso* sobre o discurso remete para a interdependência desses discursos. Essa abordagem do interdiscurso não deixa de fazer eco com o que Bakhtin chama de dialogismo, quando o autor afirma que uma posição só é tomada na correlação com outras posições (BAKHTIN, 2011). Desse modo, as escolhas do escrevente não são neutras. Quando o escrevente introduz o *outro* em seu discurso, por meio da inserção de enunciadores, de posturas enunciativas, ele está condicionado pela enunciação, uma vez que a imposição parte dela, caracterizando a heterogeneidade inerente da escrita. Com isto, as vozes estampam os enunciados em suas multiplicidades, mostradas ou constitutivas (AUTHIEZ-REVUZ, 1990). Diante dessas considerações, faz-se necessário tratar dessa multiplicidade de vozes que se traduzem na multiplicidade de discursos que encenam os enunciados, de modo geral e, de modo particular, nos enunciados das redações, como demonstrarei na análise.

MATERIAL E MÉTODO

O *corpus* da pesquisa é formado por um conjunto de 270 textos de redação do vestibular da FUVEST/2006. A proposta desse ano incluiu uma coletânea de três fragmentos de textos com diferentes abordagens sobre tema “o trabalho”:

Texto 1

O trabalho não é uma essência atemporal do homem. Ele é uma invenção histórica e, como tal, pode ser transformado e mesmo desaparecer.

Adaptado de A. Simões.

Texto 2:

Há algumas décadas, pensava-se que o progresso técnico e o aumento da capacidade de produção permitiriam que o trabalho ficasse razoavelmente fora de moda e a humanidade tivesse mais tempo para si mesma. Na verdade, o que se passa hoje é que uma parte da humanidade está se matando de tanto trabalhar, enquanto a outra parte está morrendo por falta de emprego.

M.A. Marques.

Texto 3:

O trabalho de arte é um processo. Resulta de uma vida. Em 1501, Michelangelo retorna de viagem a Florença e concentra seu trabalho artístico em um grande bloco de mármore abandonado. Quatro anos mais tarde fica pronta a escultura “David”.

Adaptado de site da Internet (FUVEST, 2006).

O terceiro texto está acompanhado da imagem da escultura “David” criada por Michelangelo. Há também, na proposta, as instruções para a elaboração da redação:

INSTRUÇÃO: Os três textos acima apresentam diferentes visões de trabalho. O primeiro procura conceituar essa atividade e prever seu futuro. O segundo trata de suas condições no mundo contemporâneo e o último,

ilustrado pela famosa escultura de Michelangelo, refere-se ao trabalho de artista. Relacione esses três textos e com base nas idéias neles contidas, além de outras que julgue relevantes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando sobre o que leu acima e também sobre os outros pontos que você tenha considerado pertinentes (FUVEST, 2006, grifos do autor).

O enunciado da instrução da prova de redação já encaminha o vestibulando para uma primeira interdiscursividade – dada entre o escrevente e a coletânea –, ao solicitar que relacione os três fragmentos da coletânea para escrever seu texto. A instrução o direciona, ainda, para outros diálogos, quando sugere que elabore sua redação a partir das ideias contidas nesses fragmentos, “além de outras que julgue relevantes”. A proposta oferece, assim, ao escrevente, um leque de possibilidades de diálogos interdiscursivos, relacionados ao tema dado: o trabalho. Após essa primeira observação da coletânea, busco nas redações pistas que indiquem possíveis diálogos do escrevente tanto com os fragmentos da coletânea quanto com enunciados oriundos de outras esferas, externas à coletânea. Busco nas particularidades desses diálogos, regularidades que possam responder a um primeiro questionamento: como o registro da história se materializa nesses textos? Além disso, busco respostas também para identificar como esse registro se constitui, considerando a previsibilidade de diálogos do escrevente com enunciados da coletânea e de diferentes esferas?

A análise é observada segundo dois aspectos: (a) a réplica do escrevente aos fragmentos da coletânea e, intercedido por ela, a descrição de fatos históricos nela referidos ou a partir dela inferidos e (b) o do diálogo do escrevente com discursos trazidos de outras esferas, sustentados a partir de suas representações de fatos históricos ligados ao tema do trabalho. Elegi esses dois pontos como os lugares privilegiados de observação que orientarão o olhar do analista para saber, em 270 redações, como o escrevente materializa o registro da história do trabalho em seu texto. A partir desse ponto de observação, pretendo, também, refletir sobre as possibilidades do ensino-aprendizagem da escrita, especificamente de textos dissertativo-argumentativos.

A INTERDISCURSIVIDADE NAS REDAÇÕES DE VESTIBULAR

A proposta deste artigo, como dito anteriormente, é descrever como o registro da história manifesta-se no texto de pré-universitários, a partir da observação e análise dos discursos sobre o trabalho, presentes no texto por meio do relato ou referências sobre determinados fatos históricos. O resgate desses fatos é construído pelo escrevente, mas não é tomado inteiramente por palavras suas, há também palavras do *outro*. Neste diálogo de palavras, a alteridade, que é parte constitutiva da heterogeneidade da escrita, se faz presente de forma ampla, porque evidencia não só a heterogeneidade propriamente dita, mas também representações sociais desses fatos históricos, que são valorizadas pelo escrevente ao serem inscritas em seu texto por meio de diferentes discursos. As palavras do *outro* entram em cena e formalizam a interdiscursividade. O estabelecimento dessa constituição dialógica e heterogênea da escrita se dá, assim, num espaço simbólico em que discursos se cruzam, se sobrepõem a outros discursos, na tentativa de um deles se tornar dominante.

A sobreposição de discursos corrobora a primazia do interdiscurso que compõe as formações discursivas. A compreensão dialógica dos enunciados estabelece vínculo com a atualização da memória discursiva do escrevente, que projeta em seu texto a enunciação. Essa projeção resulta de coerções sociais presentes no processo de escrita do gênero estudado e, nessa direção, é também uma construção ideológica. Em sua interdiscursividade, a compreensão dialógica dos enunciados funciona nas redações como um jogo enunciativo e discursivo, que é materializado nos textos de diferentes maneiras. A interdiscursividade é regida, portanto, por coerções sociais, o que faz com que, nos enunciados, um discurso se sobreponha aos demais.

Como procedimento de análise, busco na descrição de fatos históricos o modo como o escrevente registra a história do trabalho nas redações de vestibular. Os fatos históricos ligados ao tema são inscritos por meio de movimentos enunciativo-discursivos, que mostram a organização argumentativa das redações e o posicionamento que o escrevente assume diante de discursos relacionados ao trabalho.

O primeiro diálogo que se destaca se dá com a coletânea de textos oferecida pelo exame. O conteúdo temático desenvolvido em cada parágrafo, parte do conteúdo temático de cada um dos fragmentos da coletânea. Nesse conteúdo temático estão presentes fatos históricos ligados ao trabalho, que remetem às representações sociais do escrevente, como se observa no exemplo (1):

Exemplo⁶ (1):

Na era pré-histórica a necessidade de trabalhar era de ordem lógica e prática. [...] limitadas à procura de alimentação para subsistência de seu clã.

[...]

Foi com o surgimento do protestantismo [...] Desta filosofia protestante surgiu a idéia de que o trabalho é uma dádiva divina. [...], pois ela dá embasamento para determinadas expressões - “Deus ajuda quem cedo madruga” [...] não deixam de ser uma simples e mal explicada justificativa para as desigualdades sociais, segundo demonstram sociólogos como Marx Weber e Emile Durkheim, [...].

A sociedade moderna [...] o capitalismo exige altos lucros, o que justifica a crescente mecanização da mão de obra, em contrapartida, a população se dilacera por uma vaga de emprego (R014⁷, grifos meus).

No exemplo (1), o escrevente mobiliza determinados fatos históricos, vinculando-os a uma temporalidade bem marcada. Faz referência a um tempo remoto, vinculando esse tempo à função do trabalho - *procura de alimentação para subsistência de seu clã* - e sua definição. Em um tempo intermediário, marcado em seu texto por um fato histórico da esfera religiosa - *surgimento do protestantismo* -, remete este fato a uma das definições de trabalho: *é uma dádiva divina*. O escrevente finaliza seu texto, fazendo remissão a um tempo mais próximo da enunciação - *A sociedade moderna* -, em que destaca o acontecimento da industrialização - *crescente mecanização da mão de obra*, que marca concomitantemente o desemprego, fruto do capitalismo.

Os fatos históricos marcados em cada uma dessas temporalidades corroboram a afirmação de Corrêa (2009) sobre as referências a um tempo crônico e sua relação com certas

⁶ Os exemplos são apresentados com cortes, por exigência da FUVEST. Eles foram transcritos como no original.

⁷ O código refere-se à numeração das redações do *corpus*, que vai do R001 ao R270.

coerções socioculturais no modo de conceber o tempo. Uma dessas concepções é baseada em eventos – para nós, fatos históricos – que, segundo o autor, são eventos sem data precisa, mas que se ancoram no tempo crônico, servindo de marca identitária para determinados grupos. Ainda segundo o autor, as coerções socioculturais marcadas pela dimensão histórica das práticas discursivas se materializam no texto em duas dimensões:

Na primeira dimensão [pragmático-enunciativa], temos a construção linguística do tempo que engaja o sujeito na posição intersubjetiva da enunciação e na construção do objeto de discurso; na segunda, [histórico-discursiva], temos a apropriação histórico-discursiva da noção de tempo, marcos mais ou menos flutuantes da celebração da memória de uma coletividade, rerepresentados nas práticas do tempo pelos sujeitos, nas quais se articulam as temporalidades das instituições – mais estabilizadas – e as do discurso, ainda por se estabilizarem (CORRÊA, 2009, p. 249).

O diálogo estabelecido pelo escrevente entre o seu tempo – o tempo da enunciação – e o tempo marcado em seu texto evidencia o modo como o escrevente registra a história e a história do trabalho, seu objeto de discurso, no exemplo (1), ancorado no diálogo que ele estabelece com os textos da coletânea. O escrevente traz para seu texto discursos que marcam a história do trabalho, no decorrer do tempo. Nesses discursos, constituídos com base em uma temporalidade destacada no texto do vestibulando, manifestam-se diferentes representações sociais do trabalho. Por exemplo, quando faz remissão a um tempo primeiro, relaciona o início da existência do trabalho em uma sociedade primitiva a uma função única ligada apenas à sobrevivência dos seres humanos e, em algumas redações, nessa primitividade há também uma harmonia na relação entre as pessoas, porque se trabalha para o próprio sustento e não para acumular riquezas.

No decorrer da história, determinado fato histórico, ligado ao trabalho, traz uma ruptura nessa harmonia, causando prejuízos a um lado da humanidade. No exemplo (1), vê-se que esse fato é mobilizado da esfera religiosa, o surgimento do protestantismo e, junto a esse fato, o escrevente mobiliza uma representação específica que dá uma definição para o trabalho: “o trabalho é uma dádiva divina”. A partir dessa definição de trabalho, o escrevente traz para seu texto um discurso de valorização positiva do trabalho, uma vez que é por meio dele e somente dele que “a riqueza e estabilidade econômica poderão ser alcançadas”. Mas, ao mesmo tempo, se posiciona contrário a essa valorização, ao denunciar desigualdades sociais vinculadas a essa representação do trabalho. Para reforçar esse posicionamento em tom crítico, o escrevente se utiliza de um argumento de autoridade, citando Marx [sic] Weber e Emile Durkheim, personagens que se marcaram na história em defesa de posicionamentos mais justos em relação aos direitos dos trabalhadores. Interessante destacar que, ao citar esses personagens da história, ao invés de grafar Max, grafou Marx, como um lapso, talvez na tentativa de referir-se ao posicionamento de Karl Marx, em seus discursos sobre o trabalho. Esse modo de dialogar dos escreventes é recorrente em outras redações, alterando-se, porém, os fatos por eles selecionados.

Além disso, esses fatos carregam em si representações do trabalho que remetem para a ruptura de uma representação do trabalho ligada à harmonia da primitividade, cujo discurso afirma que se trabalhava apenas para a subsistência das pessoas, como podemos ver a seguir:

Exemplo (2):

Na pré-história é evidente o sedentarismo do homem. [...] havia uma [...] uma simples questão de sobrevivência: colher e plantar para comer. Hoje em dia [...] Neste mundo onde o "capitalismo selvagem" é o grande ditador, há um busca desleal ao tão sonhado status e poder aquisitivo, cujo meio de alcançá-los é o trabalho.

Durante o decorrer dos anos, [...] o que pôde ser verificado através das Revoluções Industriais que implicaram na substituição de mão-de-obra por máquinas, o que gerou um alto número de desempregos (R207, grifos meus).

No exemplo (2), o escrevente se apoia na ancoragem temporal e espacial, para mostrar essa mesma ruptura que encena no texto o capitalismo selvagem como o grande responsável pelas desigualdades sociais. O que prevalece no exemplo (2) é o discurso depreendido do segundo fragmento, em que o enunciador denuncia a exploração do trabalhador, por um lado, e a falta de trabalho, por outro. O fato histórico mais recorrente na totalidade do *corpus* é a revolução industrial, assim como os fatos dela decorrentes, como se nota no exemplo (3):

Exemplo (3):

[...]. Nos primórdios da civilização, este já se via obrigado a lutar pelo seu sustento. [...].

[...]
Lutas de classes, greves reivindicações por melhores salários e condições de emprego são uma constante na sociedade moderna. Os empregados sempre se queixam dos maus tratos da insolência dos funcionários.

[...] (R223, grifos meus)

Novamente, no exemplo (3), a harmonia entre trabalhadores em um tempo de trabalho para sobrevivência é interrompida por uma nova temporalidade, a sociedade moderna, em que se destacam as lutas dos trabalhadores.

Nos exemplos (1) a (3), a ruptura é dada por um marco histórico constituído num tempo intermediário que se separa do tempo primitivo, em que reinava a harmonia, representada por um trabalho que servia apenas para a subsistência das pessoas. Há, nesse jogo, um embate enunciativo-discursivo em que diferentes discursos se entrelaçam e um deles se sobressai, o discurso em que o enunciador, em tom denunciatório, concebe o trabalho como avassalador, desumanizante, ratificado pela constante exploração do trabalhador. O fato histórico mais recorrente na totalidade do corpus que marca esse discurso é a revolução industrial, vista nos textos como a vilã dos trabalhadores, pois rompeu com a harmonia presente na primitividade.

Seguindo o diálogo dos escreventes com a ordem dos textos da coletânea oferecida ao candidato, no exemplo (4) é retomado o conteúdo de cada um dos fragmentos, mas o escrevente constrói seu posicionamento a partir do diálogo com textos de esferas diferentes das da coletânea, trazendo para seu texto outros discursos sobre o trabalho. Entretanto, nesses discursos estão presentes resquícios dos já-ditos tanto em trechos da coletânea como da memória discursiva do escrevente. São discursos construídos a partir de sua vivência, de seus letramentos:

Exemplo (4):

Trabalho alienado

No gênesis, o primeiro livro da bíblia, encontramos a famosa passagem na qual Adão e Eva são expulsos do paraíso. [...] Deus, irado, por conta dos pecados cometidos pelos humanos, lança uma maldição sobre a humanidade. [...] as mulheres teriam que sofrer para conceber seus descendentes, enquanto os homens teriam que ganhar a vida com o suor de seu próprio rosto. Trabalhando.

Ao longo dos milênios a maldição de Adão tem acompanhado os homens [...]. Assim como também as mulheres, [...]. O esforço da humanidade para prover seu próprio sustento parece, paradoxalmente, se tornar cada vez mais árduo a medida que mais riquezas são geradas.

Nos últimos anos, entretanto, muitos tem começado a se questionar sobre a exaustiva carga de trabalho nas sociedades modernas. Livros como “O ócio criativo, do italiano Domenico De Masi, [...]. Alguns países como a França, já começaram a propor uma redução da jornada de trabalho padrão de quarenta horas semanais para trinta e cinco horas ou trinta horas.

[...]. (R201, grifos meus).

No exemplo (4), vemos que o escrevente também organiza seu texto, estabelecendo uma relação de temporalidade, marcando cada uma das épocas abordadas com um fato histórico ligado ao trabalho. O escrevente traz para seu texto discursos relacionados ao trabalho, moldados pelos discursos da esfera religiosa. Para abordar a origem do trabalho, o escrevente mobiliza o discurso do mito bíblico, que consiste na “maldição” de Deus para com a humanidade, isto é, a humanidade é condenada a trabalhar sempre com sofrimento e dor como punição a uma falta cometida, que quebrou a harmonia que havia anteriormente entre o homem e o trabalho e para a subsistência.

Novamente, essa ruptura se dá na vinculação do trabalho como exploração do trabalhador numa época mais recente - “Nos últimos anos” -, marcada, no texto, com fatos históricos destacados pelo escrevente. No exemplo (4), esses fatos têm um tom de denúncia e vão desde o lançamento de obras literárias que tratam do tema, “Livros como “O ócio criativo, do italiano Domenico De Masi”, até a referência a conquistas de trabalhadores no mundo: “Alguns países como a França, já começaram a propor uma redução da jornada de trabalho padrão [...]”. Nessa relação, o escrevente traz para o seu texto discursos que circulam em diferentes esferas, como a literária e a midiática.

Para fortalecer o que foi constatado, apresento uma redação em que vários discursos se cruzam nos diálogos do escrevente tanto com a coletânea quanto com outras esferas, mobilizando diferentes fatos históricos relacionados ao trabalho:

Exemplo (5):

Trabalho, revolução nas eras

No mundo feudal, os servos desenvolviam todo o trabalho, que era essencialmente a agricultura ou o artesanato. [...].

A partir das cruzadas, com a abertura do Mar Mediterrâneo, o comércio passou a ser explorado nesses feudos, [...].

O trabalho, [...], transforma as eras. Tal afirmação pode ser comprovada através da invenção da máquina a vapor de James Watt, que elevou a civilização humana à era da máquina e da indústria.

O advento da indústria ocasionou não só o progresso, como também a alienação do trabalho. [...].

Ora, o trabalho [...] gerou também a inquietação dos proletariados, incitou à criação de sindicatos e inspirou filósofos como Marx e Engels a lutar contra o capitalismo e a favor do socialismo.

O trabalho [...]. Ele transforma, cria idéias e guerras, como a Guerra Fria [...] (R020).

Essa redação sintetiza um percurso histórico do trabalho, em que a interdiscursividade está presente de modo bem marcado, revelando em cada momento histórico representações sociais sobre o trabalho, apontadas por determinados fatos históricos e que, por meio deles, os discursos vão se constituindo ora evidenciando uma valoração positiva ora negativa do trabalho. A temporalidade, muitas vezes, é marcada pelo próprio fato histórico mobilizado pelo escrevente.

No parágrafo conclusivo de várias redações está presente o diálogo com o terceiro fragmento da coletânea e faz remissão ao trabalho de arte/do artista; que caracterizo, de modo geral, como trabalho intelectual, englobando nele as menções aos estudos, do modo geral, à Universidade, isto é, à educação como um todo. Nesse modo de dialogar com o terceiro fragmento da coletânea, o escrevente tenta mostrar a seu interlocutor um posicionamento em defesa desse tipo de trabalho, valorizando-o positivamente, como mostra o exemplo (6):

Exemplo (6):

[...]

O ideal sera uma nação na qual todos fizessem sua parte no trabalho, e também com um governo que fornecesse uma educação geral, então o desenvolvimento vira mais intenso junto com o conforto, e o trabalho artístico teria tempo e apoio para ser desenvolvido, [...] (R292, grifos meus)

Já no exemplo (7), abaixo, o posicionamento do escrevente é construído quando o enunciador anuncia o tema da educação e modaliza a afirmação de que a solução está na educação, ao enunciar a educação como o único meio de resolver o problema do trabalho denunciado:

Exemplo (7):

A solução está na educação, porque só quem tem a oportunidade de se formar e estudar está mais apto para o mercado de trabalho (R119, grifos meus).

Como resultado dessa formação, enuncia-se que o trabalhador torna-se “mais apto para o mercado de trabalho”. A adjetivação intensificada, articulada com a modalização corrobora a construção de um discurso em que prevalece o jogo ideológico que revela a representação social do trabalho intelectual. Há, nesse sentido, um jogo enunciativo-discursivo, cujo discurso valoriza o trabalho intelectual, visto na perspectiva da Universidade, uma vez que é por meio dela que se obtém a formação qualificada, ou seja, só por meio do ensino superior – da educação formal – que o sujeito se torna apto para atuar no mercado de trabalho. Esse discurso está presente em outras redações:

Exemplo (8):

Conclui-se, então, que é necessário para cada um de nós receber instrução quando jovem e quando adulto, já saber pensar, filosofar para seguir uma carreira profissional com sucesso e realizar grandes trabalhos (R007, grifos meus).

Exemplo (9):

Verifica-se, pois, que o melhor investimento a ser feito pelos países e mesmo por cada pessoa é na educação, já que os excluídos de hoje e do futuro serão os que não souberem se preparar adequadamente, nesta nova era já batizada de a “do conhecimento” (R212, grifos meus).

A representação social do trabalho e do trabalho intelectual em jogo, nos exemplos (6) a (9), é a de que a educação formal propicia uma boa carreira para quem estuda, ao contrário de quem não estuda, cujo trabalho consiste em executar movimentos braçais. São dois discursos, constituídos de duas formações discursivas antagônicas, concorrendo entre si e que buscam um lugar nesse espaço. O escrevente, para corroborar seu posicionamento, introduz um enunciador, mobilizado da esfera religiosa e atualizado na enunciação para finalizar e concluir seu texto: o jovem deve “receber instrução” para “pensar, filosofar para seguir **uma carreira profissional com sucesso e realizar grandes trabalhos**” (R007, grifos meus). Nos exemplos (6) e (9), a qualificação do trabalho foi efetivada por meio de uma axiologização, constituindo outro modo de dizer o mesmo dito, isto é, um discurso de valoração positiva do trabalho conquistado por meio do estudo.

Essa valoração positiva mantém a mesma representação social do trabalho intelectual e do que ele representa para o escrevente, frente à Universidade. Circula, desse modo, um discurso preconceituoso em relação ao trabalho braçal. Preconceito herdado da época da escravidão, por meio do qual se legitima o poder da educação formal para dividir e excluir quem não tem acesso a ela, como pode ser observado no exemplo (10):

Exemplo (10):

O serviço manual foi e ainda é visto por algumas pessoas, algo que denegrade o homem. É feito por pessoas que não tem ou não buscaram a oportunidade de estudar e acabam aceitando o trabalho pesado (R022).

Em síntese, as representações do escrevente sobre a Universidade evidenciam-se a partir do jogo discursivo entre duas formações discursivas, cujos discursos sobre educação, estudos, formação se dividem em duas posições: uma, que afirma que quem tem estudo tem bom trabalho; outra, que afirma que quem não tem estudo não vai para frente, não evolui, porque não consegue bom trabalho. Tudo se consegue por meio do trabalho, mas de um trabalho resultante de um bom estudo, de uma boa formação. Nesse jogo discursivo, cria-se o efeito de sentido de que, com educação/estudo, tudo se resolve. Esse efeito faz transparecer a ideologia ali enunciada, revelada por meio de um discurso de qualificação positiva do trabalho intelectual e do que representa para o escrevente a posição hierarquicamente superior da Universidade, aliás, a que o escrevente julga ser a defendida por ela. Para o escrevente, a Universidade representa o próprio trabalho intelectual.

As representações descritas nos exemplos analisados são norteadoras de um discurso em que a direção argumentativa traz à tona a imagem que o escrevente tem da Universidade, ao valorizar o trabalho artístico, supondo ser este o que a própria Universidade valoriza, uma vez que foi o único tipo de trabalho mencionado nos fragmentos do exame. Ao valorizar o trabalho intelectual em detrimento dos demais, o escrevente, além de tomar para si esse discurso, constrói certa imagem de si, a partir da imagem que ele faz da Universidade: a imagem positiva de um

sujeito que igualmente valoriza o trabalho intelectual e, por isso, merece um crédito da Universidade: a aprovação no exame vestibular.

Da análise pode ser depreendido que o discurso do escrevente se fez predominantemente pelo discurso do outro, marcado no texto principalmente por fatos históricos mobilizados pelo escrevente a partir de determinadas representações sociais do trabalho. O modo de mobilizar esses saberes históricos mostra como o escrevente trabalha com a linguagem, revelando também o papel das condições de produção do discurso. O escrevente atende às coerções do contexto histórico e social, aos interlocutores, ao gênero, a seus letramentos. Ele responde aos fragmentos da coletânea e dialoga com diferentes discursos mobilizados a partir dessa réplica. São discursos que se sustentam nas suas representações de fatos históricos ligados ao tema do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados revelam que os discursos do escrevente têm majoritária preocupação com a valorização positiva do trabalho e, principalmente, do trabalho intelectual, incluído aí o trabalho de arte. A construção desses discursos é gerenciada discursivamente segundo uma valorização apreciativa e valorativa desse tipo trabalho, construída a partir do tom denunciatório, de um trabalho escravizador, marcado por um tempo intermediário nas estruturas das redações, principalmente por fatos relacionados com a industrialização. Essa construção se caracteriza linguisticamente por algumas escolhas do escrevente, principalmente por meio de fatos históricos selecionados em função da construção de discursos que ora denunciam a ruptura harmônica de um tempo primitivo, provocada pela Revolução Industrial e suas consequências – fatos históricos correlacionados –, ora valorizando positivamente o trabalho intelectual, manifestando seu julgamento diante do objeto do discurso.

Esses discursos são construções sócio-históricas e revelam um caráter ideológico e dialógico presente na linguagem, manifestado por meio das marcas que o escreve imprime em seu texto. Apontam ainda os resultados para uma construção interdiscursiva do registro da história, comprovando relações dialógicas entre o modo de escrever do vestibulando e seu modo de interpretar fatos históricos relacionados ao trabalho.

Na totalidade do *corpus*, é frequente um modo de escrever a partir de um discurso pedagógico decorrente de uma prática de ensino da escrita que se apoia no treinamento para a elaboração da redação de vestibular, visto, por exemplo, pela própria incidência de fatos ligados à esfera histórica, mobilizados pelo escrevente de eventos da esfera escolar, como a aula expositiva, por exemplo. Esse tipo de mobilização pode ser aproveitada no ensino de língua materna e da escrita, em particular, no sentido de considerá-la como estratégia discursiva construída a partir de marcas dialógicas que respondem às representações sociais do escrevente sobre o trabalho e sobre a escrita, trazendo, inclusive, uma reflexão sobre um novo conceito de história e de seu ensino não mais centrado na cronologia e passagem do tempo, mas como discurso.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas-SP, v. 19, p. 25-42, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986 [1929].
_____. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306, 2011 [1979].
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Organizador da coletânea Renato Ortiz. Tradução de Paula Monteiro e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Temporalidades e treinamento escolar em textos de pré- universitários. In: **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 24, p. 245-263, 1º sem., 2009.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- ESVAEL, Eliana Vasconcelos da Silva. **A construção do ponto de vista dominante na escrita de pré-universitários**. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 2012.
- FUVEST. **Manual do Candidato**, 2006.
- HANKS, William F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**; organização BENTES, Anna Cristina; et.al., São Paulo: Cortez, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, p. 163-252, 1990a.
- _____. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas-SP: UNICAMP, p. 311-318, 1990b.
- _____. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi [et al]. 3ª Ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. et al. **Papel da memória**. Campinas-SP: Pontes, 1999.

Recebido em: 30/03/2016. Aceito em 20/07/2016.